

A TELEAULA EM QUESTÃO

Luís Cláudio Dallier Saldanha*

Resumo: Este artigo analisa o modelo da teleaula na Educação a Distância, a partir da caracterização de formatos de teleaula e da identificação das possibilidades e ambiguidades da linguagem audiovisual em processos de ensino e aprendizagem que se valem de tecnologias digitais. Para isso, apontam-se os riscos e desafios da apropriação da linguagem audiovisual e dos recursos próprios da comunicação de massa na mediação pedagógica. Por outro lado, também, são apresentadas as potencialidades da teleaula e examinados os recursos que contribuem para a comunicação docente e a aprendizagem no contexto das novas mídias digitais.

Palavras-chave: Educação a distância. Teleaula. Mídias digitais.

1 Introdução

No contexto dos cursos de graduação a distância no Brasil, o modelo da teleaula tem sido apresentado como um dos principais recursos para a superação da distância física entre professores e alunos, fazendo parte do esforço para se garantir a mediação pedagógica e a interatividade na educação a distância (EaD), em face da ausência de elementos característicos da modalidade presencial.

Nesse sentido, percebe-se que a teleaula está inserida no conjunto de recursos multimídia utilizados nas práticas de ensino e nas experiências de aprendizagem, com destaque para tecnologias digitais de telecomunicação que pertencem à atual cultura digital. Essa apropriação dos recursos tecnológicos na teleaula permite, então, que a presença, as ações e a prática pedagógica do professor sejam mediatizadas e virtualizadas, chegando até o aluno por meio de transmissão via satélite e em formatos próprios da linguagem audiovisual, aproximando-se, em alguma medida, da cultura televisiva.

Desse modo, o uso da linguagem audiovisual como recurso didático e importante elemento da mediação pedagógica ganha nova configuração com as tecnologias da informação e da comunicação (TIC). Tal fato permite reconhecer que as teleaulas se valem do universo contemporâneo das mídias digitais e dos *softwares* de edição de imagens,

* Professor e Coordenador do Grupo de Pesquisa em EaD do UNISEB. Doutor em Educação pela UFSCar.



favorecendo a conversão de diversos conceitos e conteúdos em imagens, além de arrancarem a imagem da fixidez dos suportes materiais impressos e dos limites do meio televisivo ou cinematográfico.

Esse tratamento digital da linguagem audiovisual nas teleaulas, entretanto, demanda análises que vão além dos aspectos técnicos dos recursos empregados, pois é preciso considerar as implicações da inovação tecnológica no processo ensino-aprendizagem. Nesse sentido, a teleaula deve ser analisada a partir de suas possibilidades formativas e, também, de suas limitações no processo de formação. Assim, este trabalho se propõe a considerar a tensão entre a possibilidade de formação mediada pela imagem, enquanto uma das linguagens que interpretam a realidade e participam da elaboração do saber, e os riscos da dominação visual, enquanto asfixia da linguagem verbal nos processos de formação no contexto das teleaulas. Para tanto, serão consideradas as ambiguidades da teleaula e as implicações de suas características na função do professor, do aluno e da linguagem.

2 Ambiguidades da teleaula

O tratamento das ambiguidades da teleaula pode se dar a partir da identificação da tensão entre limitações e possibilidades que esse formato de aula representa para a formação. O redimensionamento midiático da aula convencional e da reconfiguração da linguagem audiovisual em face das novas tecnologias na teleaula, por exemplo, pode tanto apontar para novas e criativas formas de comunicação entre professor e aluno quanto se limitar à transposição da aula expositiva tradicional para um meio de comunicação de massa. Nesse caso, se correria o risco de se manter a passividade das aulas expositivas e de enquadrar o professor no papel de apresentador ou animador de conteúdos e os alunos no papel de telespectadores. Também se deve admitir aqui que, mesmo em face de o risco de uma assistência passiva ocorrer em aulas expositivas da modalidade presencial, tal perigo seria potencializado e agravado na EaD em face da não contiguidade de professores e alunos, pois a mediação a distância e a virtualidade poderiam aumentar o risco de dispersão.

Outro risco seria o de transformar a teleaula em evento reduzido à transmissão de informação, desprovido de possibilidades de interação e de proximidade entre professor e alunos, limitando-se a uma dimensão instrucional. Nesse caso, a teleaula reduziria o processo de formação ao ensino ou à instrução, numa redução do conhecimento à informação (PUCCI, 2009). O apelo à linguagem audiovisual e a valorização da imagem no espaço da educação formal, tradicionalmente marcado pela hegemonia da palavra, também seriam identificados



como riscos, já que reforçariam a influência da cultura visual que o estudante experimenta fora dos espaços escolares.

Esses riscos, numa perspectiva mais crítica, resultariam da transformação da aula em um evento imagético ou midiático, uma vez que se recorre a meios tradicionalmente utilizados para a informação e o entretenimento. Nesse sentido, a presença virtual do professor por meio da imagem projetada na tela, as ilustrações dos *slides* exibidos por meio de *softwares* de apresentação e eventuais exibições de conteúdos no formato de teledramaturgia ou documentário apontariam para as teleaulas como um exemplo de centralidade da imagem na mediação pedagógica (SALDANHA, 2013).

Por outro lado, numa abordagem mais favorável às teleaulas, suas características midiáticas promoveriam a formação a partir de linguagens e recursos com os quais os estudantes pertencentes à chamada era digital já estão familiarizados, já que o apelo à linguagem televisiva e às novas mídias seria um elemento facilitador na comunicação docente diante de alunos com fluência tecnológica.

A teleaula teria, ainda, a vantagem de oferecer acesso à educação formal a estudantes com dificuldades ou impedimentos para frequentarem presencialmente uma Instituição de Ensino Superior (IES) em sua cidade. Nesse caso, ao assistir remotamente a uma teleaula, além de participar de outras atividades em plataformas digitais, o estudante teria a experiência acadêmica e intelectual de um curso de graduação graças à mediação da linguagem audiovisual e aos recursos tecnológicos. Desse modo, a teleaula permitiria a comunicação docente para além dos textos escritos dos materiais didáticos ou das intervenções nos *chats* ou fóruns virtuais.

A teleaula também seria adequada para promover uma transição da modalidade presencial para a modalidade a distância. Moran (2010, p. 253) ressalta que a recepção das teleaulas em turmas organizadas nos espaços das telessalas “mantém um vínculo com os modelos presenciais” e contribui “para criar vínculos sociais, afetivos e intelectuais”, consistindo numa introdução “mais suave” na modalidade a distância. Além disso, ressalta que essas aulas “são mais produzidas e têm mais recursos de apoio”, indo além dos conteúdos disponibilizados em outros formatos nas plataformas digitais.

Diante dessas perspectivas e ambiguidades em relação à teleaula na EaD, impõe-se a necessidade de problematizar o lugar da imagem na teleaula e na mediação pedagógica a distância. Deve-se trabalhar criticamente as vantagens e os riscos da teleaula, numa tensão entre as potencialidades da imagem, enquanto linguagem e recurso comunicacional que



participa da construção do conhecimento, e as limitações da imagem, enquanto linguagem que não é autossuficiente e remete a outros recursos expressivos num processo de interdependência. Essa análise pode ser desenvolvida a partir da descrição das características da teleaula, a fim de se identificar suas implicações nas relações pedagógicas mediadas pelas tecnologias digitais e pela linguagem audiovisual.

3 Características da teleaula

Inicialmente, é possível caracterizar o modelo da teleaula a partir da transmissão de aulas via satélite, ao vivo¹, para polos de apoio presencial ou telessalas, com o recurso também de uma plataforma digital ou ambiente virtual de aprendizagem (AVA), no qual são realizados outros processos de ensino e aprendizagem com a mediação de professores e tutores.

Os formatos de teleaulas, geralmente, são centrados na exposição oral feita pelo professor, consistindo no principal recurso da teleaula, ainda que haja o apoio de *slides*, imagens, textos e outros recursos audiovisuais. Quanto à produção das teleaulas, elas são ministradas pelos professores, que contam com um processo de planejamento e produção que costuma envolver equipes multidisciplinares, ainda que a condução de todo processo acabe ficando a cargo do professor e supervisionado por algum tipo de coordenação pedagógica.

Na apresentação e transmissão da teleaula, o professor dirige-se aos alunos desde um estúdio no qual é assessorado por equipe técnica e até mesmo por um tutor que realiza a mediação da teleaula, recebendo e filtrando mensagens e dúvidas dos alunos e as repassando ao professor, que pode optar por responder as questões ao vivo ou em outro momento. A comunicação dos alunos com o estúdio ou a sede, geralmente, se dá pela Internet, com a participação em um *chat*, ou por meio de intervenções a partir de sinal enviado por satélite, também ao vivo (SALDANHA, 2013).

Quanto à forma como o professor apresenta a teleaula, há modelos e formatos em que o professor, no estúdio, tem mobilidade espacial e pode desenvolver sua aula em pé, junto à lousa digital, ou sentado, junto a uma mesa que contém um terminal de computador também interligado à lousa digital, podendo intercambiar essas posições e se locomover dentro de

1

Nesse sentido, a teleaula se diferenciaria de modelo baseado em videoaula. A distinção entre teleaula e videoaula está baseada em Moran (2009), que diferencia a teleaula da videoaula por ser a primeira um evento no qual o professor aparece ao vivo para os alunos, enquanto na videoaula o professor é visto em uma aula gravada.



marcas pré-estabelecidas. Há outros formatos nos quais o professor tem os movimentos mais limitados e permanece todo o tempo sentado ou em pé, contando com uma bancada, púlpito ou outro recurso de apoio.

Em relação à recepção da teleaula no polo de apoio presencial, é comum se contar com a orientação de um tutor presencial. Quanto à apresentação ou exibição da teleaula, dependendo do formato e da tecnologia utilizada, ela pode ser exibida em uma única tela ou em duas telas, por meio de projetores multimídia. Diferentemente de formatos de teleaula projetada em apenas uma tela, nos quais a imagem do professor não é exibida simultaneamente com os slides ou outros recursos ilustrativos², o formato que se vale de duas telas de exibição da teleaula permite que o aluno acompanhe a teleaula com a imagem do professor projetada numa das telas e a imagem dos *slides* e outros recursos visuais projetados na tela ao lado. Esse tipo de tecnologia e formato permitem que a exibição de um vídeo ou mesmo a participação ao vivo de algum aluno num polo de apoio presencial sejam projetadas nas duas telas, simultaneamente.

No caso de formatos de teleaula que integram tanto a imagem do professor quanto a imagem dos *slides* ou outros recursos visuais, o professor não precisa falar o tempo todo se dirigindo à câmera, já que ele pode interagir com a lousa digital, fazendo anotações, apontamentos ou ressaltando alguma palavra ou elemento do *slide* ou da imagem exibida, o que, por sua vez, aparece para o aluno numa tela secundária.

Esse recurso encontrado em alguns formatos de teleaula teria como implicação uma distinção da exibição da imagem televisiva mais convencional, pois o aluno não tem seus olhos ou atenção voltados apenas para uma tela, mas dispõe de duas telas, ou uma tela segmentada em duas partes, à sua frente.

No tocante ao enquadramento do professor, há formatos de teleaula que se limitam ao plano americano, o que não deixa de ser inadequado por reduzir a imagem e ação do professor à parte superior de seu corpo, sem a captura de seus movimentos e aspectos expressivos. Nos formatos que não se limitam ao plano americano, pode-se dar maior dinamicidade à teleaula em função de a câmera capturar a imagem do professor em sua interação com a lousa digital do estúdio ou com o próprio espaço no qual se encontra (MOREIRA, 2010). Desse modo, a câmera acompanha o professor em seus movimentos e varia os enquadramentos e planos. Em aulas nas quais o professor realiza entrevistas ao vivo, apresenta um objeto (maquetes, livros,

² Nesses formatos de apenas uma tela, os slides ou outro recurso visual que o professor queira exibir são colocados no ar com a consequente retirada de sua imagem.



experimentos etc.) ou desenvolve alguma atividade na qual haja interação com outras pessoas ou objetos, o uso de mais de uma câmera e de diversos enquadramentos pode contribuir ainda mais para um formato de teleaula mais empolgante.

Em relação à comunicação do professor com o tutor, com os técnicos ou com os alunos durante à teleaula, é comum o professor contar com monitores de referência nos estúdios em que são geradas as teleaulas. Esses monitores exibem, durante a gravação da aula ao vivo, as perguntas ou os comentários enviados pelos alunos por meio da Internet, os avisos e as orientações da equipe técnica e as imagens dos polos de apoio presencial.

A respeito da interatividade dos alunos durante a teleaula, há formatos que permitem o professor desenvolver, além da exposição oral do conteúdo, atividades que possibilitam a participação do aluno desde o polo presencial, por meio de intervenções ao vivo nas quais o aluno tem sua imagem e voz captadas no polo e retransmitidas na geração da teleaula. Esse recurso garantiria, em parte, a interatividade e o caráter mais dialógico da teleaula, com o emissor e o receptor intercambiando “seus papéis, senão durante todo o processo, pelo menos nos momentos de intervenção e interatividade dos alunos” (SALDANHA, 2013, p, 43).

Esses variados formatos do modelo da teleaula representariam, assim, o esforço para a superação da distância no processo ensino-aprendizagem, com maior ou menor grau de sucesso na superação da aula reduzida à transmissão de informação ou à passividade do aluno diante da exposição da imagem do professor.

Assim, a midiaticização da sala de aula, concretizada nos formatos de teleaula mais interativos e dinâmicos, operaria uma reaproximação virtual entre professor e alunos, abrindo possibilidades de interação mediada pelas tecnologias digitais. Tal fato não deixa de ser desafiador tanto para alunos quanto para professores, que são instados a reverem as formas de ensinar e de aprender diante das telas ou das câmeras.

4 Professor ou apresentador?

A aproximação que se procurou fazer aqui das características do modelo da teleaula evidencia algumas mudanças nas formas de ensinar e aprender. Conforme argumenta Cruz (2008), a midiaticização da sala de aula implica uma definição do ambiente de ensino a partir das tecnologias, com reformulação de sua estrutura e seus processos comunicativos.

Essa ressignificação do espaço e do tempo da aula levaria a processos complexos que não se limitam à substituição de determinados elementos por outros, como a introdução de artefatos tecnológicos e a presença virtual em vez de presença física. A questão não é tão



simples como colocar a midiaticização da sala de aula em termos de substituição de obsoletos quadros-negros por lousas digitais ou superação da distância física do professor pela exibição de sua imagem numa tela.

Numa perspectiva crítica, essa midiaticização da sala de aula conduziria a uma reorganização da ação docente que contém o risco de reduzir o professor e sua prática pedagógica à exibição de sua imagem, à percepção de sua figura, deslocando sua autoridade e ação docente para a eficiência na condução da teleaula.

Nesse caso, importaria mais a *performance* ou a atuação do professor, que seria percebido ou assistido como um apresentador de conteúdo. Tal situação acabaria esvaziando a mediação pedagógica e comprometendo a comunicação docente. Zuin (2006, p. 947) coloca essa questão em termos de uma substituição da “*autoridade pedagógica pelo autoritarismo da imagem*”.

No entanto, se o entendimento da ação docente limitada a aspectos performáticos e imagéticos deve ser encarado como algo inadequado e um risco a ser permanentemente evitado, não se pode deixar de reconhecer que a comunicação docente mediada pela linguagem audiovisual requer novas estratégias e práticas comunicativas do professor. Parte do trabalho docente está relacionada com a comunicação, e nesse caso a teleaula redimensiona a comunicação docente.

Dialogar com os alunos a partir da mediação tecnológica e olhando para uma câmera exige do professor um exercício de imaginação ou elaboração de imagem mental de seus alunos para que a fala e a ação diante das câmeras não se mecanizem ou automatizem. Mais do que isso, é preciso que o professor se valha de outros espaços e tempos de diálogo com seus alunos para construir uma imagem e percepção adequadas dos estudantes. Por isso, parece ser mais interessante o modelo ou formato de teleaula no qual o professor que elabora e apresenta a aula desempenha, também, função de tutoria com seus alunos por meio das ferramentas de comunicação do AVA.

Suhr e Ribeiro (2010) também destacam a importância de não se converter a teleaula no único momento ou experiência de ensino-aprendizagem, defendendo que fazem parte da teleaula “remeter o aluno ao material e às atividades disponibilizadas no ambiente virtual, relacionar com o livro-base, desencadear a necessidade de participar de fóruns, *chats* e outras possibilidades de tutorias”, mostrando ao aluno que a teleaula precisa ser complementada por outros momentos e experiências.



A necessidade de diálogo, entre todos os sujeitos que participam do processo de formação e entre os saberes, demanda do professor e dos gestores em EaD a consciência de que a teleaula tem suas limitações e corresponde somente a uma parte do processo ensino-aprendizagem, necessitando articular-se organicamente com outras atividades e dimensões nas quais também sejam desenvolvidas relações entre sujeitos que aprendem.

Diante disso, é preciso pontuar que a teleaula não deve se converter em imagem televisiva desprovida de possibilidade de interatividade autêntica. E aí reside outro desafio: como evitar que a teleaula se transforme em produto a ser consumido ou numa exibição de imagens que parecem ficção do próprio processo educacional.

5 A teleaula e a linguagem televisiva

Para críticos da EaD, o modelo da aula virtual ou da teleaula tem como paradigma a televisão, com consequências como superficialidade, aligeiramento e abordagem tecnicista, o que acabaria levando a aula virtual a ser “apenas um simulacro de uma aula presencial” (PATTO, 2013, p. 310).

A teleaula, entretanto, ainda que virtual, não deixa de ser real nem deixa de ser uma aula ao vivo, com as limitações da não contiguidade de alunos e professor. A teleaula não deixa de ser, também, um espaço de comunicação e interação, no qual concorrem várias linguagens. Não parece pertinente, entretanto, confundir a teleaula com a “transmissão televisiva ou a videoconferência”, como descrita, em parte, por Joly *et al.* (2009, p. 40).

Na teleaula, a comunicação e a interação são possíveis graças às tecnologias de telecomunicação, com recursos que capturam e retransmitem a atuação do professor. Até que ponto essa comunicação docente e sua intermediação tecnológica comprometem a formação e a subjetividade é questão complexa que parece não comportar simplesmente uma aceitação ou negação pura e simples da teleaula.

É importante lembrar que a teleaula não é simplesmente a gravação de uma aula numa sala convencional, com a assistência de alunos, ainda que tal modelo ou formato esteja também disseminando. É preciso reconhecer que a teleaula é uma aula produzida, ainda que contenha aspectos de informalidade, improvisações e intervenções. A teleaula acontece num estúdio, sem a presença de alunos, com o professor se dirigindo a uma câmera. Esse formato não é o de um programa televisivo nem de uma aula presencial, mas nem por isso deixa de ser um espaço/tempo de ensino-aprendizagem.

Assim como no contexto televisivo a participação de um entrevistado ou participante de um programa pode gerar empatia e interesse no telespectador, mesmo não sendo profissional de TV, nas teleaulas, o professor não precisa assumir o papel de apresentador ou de animador para provocar seus alunos ou manter o interesse.

A tensão se dá no limiar que coloca o professor entre aspectos ou características do meio acadêmico e do meio televisivo, com o desafio de não agir como se estivesse em uma sala de aula presencial nem de atuar como se estivesse num programa televisivo. Essa tensão também se dá em aspectos da condução da própria teleaula. Em alguns casos, o professor pode se ver diante de limitações e tensões pelo fato de, muitas vezes, não ser possível voltar atrás (modelo televisivo), pois se trata de uma transmissão ao vivo e não gravada, sem as possibilidades de reparo e reelaboração (Cf. MOREIRA, 2010).

Outra questão importante está no entendimento reducionista da formação e preparação para atuação do docente nas teleaulas. Ainda que aspectos como maquiagem, expressão corporal, comunicação oral e interação com as câmeras sejam elementos importantes, pois a teleaula não é uma mera transposição da exposição oral em sala de aula presencial para os estúdios ou para a linguagem do vídeo, a preparação ou capacitação também está relacionada com questões como transposição didática de conteúdos e favorecimento do diálogo pedagógico em situação de não presença física do professor na sala de aula.

Outro problema na formação ou capacitação do professor para sua prática no contexto da teleaula diz respeito ao reducionismo da preparação a aspectos pragmáticos relacionados com o uso das novas tecnologias ou dos aparatos tecnológicos do estúdio. Como apontam Suhr e Ribeiro (2010), a capacitação docente para a teleaula acaba se tornando treinamento para uso das TIC, com a consequente transposição do modelo tradicional de aula presencial para o ambiente da EaD, como oportunamente observa Masseto (2003). Em outros casos, a preparação do professor para a teleaula se dá em termos de padrões televisivos mais enrijecidos e menos espontâneos.

6 Assistência e participação do aluno na teleaula

Outra fonte de tensão para o professor na teleaula tem a ver com o desafio de manter o interesse e a atenção do aluno que se encontra no polo, a fim de ele não ficar simplesmente na condição de espectador ou de telespectador frente à teleaula. Esse cuidado é importante, uma vez que a dificuldade que muitos professores encontram nas aulas presenciais ou os



problemas identificados na assistência a aulas expositivas acabam sendo potencializados no contexto da teleaula.

Diferentemente de programas televisivos, na teleaula não há tanto apelo a recursos imagéticos, velocidade na transição das imagens, intervenções que prendam a atenção do aluno ou intervalos regulares. Tal fato leva os alunos a estarem diante de uma transmissão que se aproxima, em parte, da televisão, enquanto mantém diferenças importantes. Essas distinções não podem ser negligenciadas, pois a linguagem da teleaula deve despertar o interesse do aluno, mesmo que não seja exatamente idêntica à linguagem televisiva.

O espaço e o contexto de recepção da teleaula também são distintos da recepção da programação televisiva. Não é raro, num ambiente com algumas dezenas de alunos, haver dispersão ou conversas não pertinentes à teleaula, Por outro lado, é possível que alunos, durante as teleaulas, experimentem empatia com o professor e sejam provocados pela sua presença virtual.

Desse modo, a teleaula pode se constituir não apenas em momento de apresentação, explicação e reelaboração de conteúdos e informação. A teleaula pode se constituir, também, em experiência de diálogo com os sujeitos participantes do processo ensino-aprendizagem, promovendo a autonomia do estudante no autoestudo.

Haveria aí uma ressignificação da aula na EaD, pois a teleaula não se reduziria a um momento único de “transmissão-assimilação do conteúdo previsto”, mas buscaria, antes, “aguçar o desejo de aprender e refletir de maneira mais aprofundada [...], problematizar os conteúdos tomando a prática social – e não a lógica interna de cada ciência – como referência e indicar as formas de se apropriar de elementos teóricos que favoreçam esse processo” (SUHR & RIBEIRO, 2010, p. 37).

7 Considerações finais

Em face das observações e análises apresentadas aqui, a teleaula deve ser concebida, elaborada e transmitida a partir da necessidade de favorecer a autonomia do aluno. Essa autonomia, por sua vez, não deve ser reduzida à “busca de solução para as dificuldades no entendimento do conteúdo”, sem depender da “orientação da tutoria para resolver as tarefas”, confundindo-se com autodidatismo, como parece ser compreendida por alguns autores (PRIMO, 2008, p. 63; JOLY, 2009, p. 39).

A autonomia do aluno, que deve ser forjada num formato de teleaula que provoque a reflexão do estudante, sua participação e emancipação, pode ser favorecida na integração da



teleaula com outras mediações pedagógicas e com a autoaprendizagem. Dessa forma, tanto a teleaula como as demais práticas pedagógicas que se dão no AVA ou no polo de apoio presencial devem promover a construção de uma relação com o conhecimento na qual o aluno possa se assumir como sujeito e protagonista do processo de formação, contando com a mediação do professor na teleaula e o acompanhamento de outros educadores nas atividades de tutoria.

Nesse sentido, as atividades no AVA não devem ser confundidas com um mero atendimento *online* prestado pela IES ao aluno, como complementação à assistência às teleaulas. Não se trata de simplesmente oferecer atendimento, como uma espécie de “tira dúvidas” ou plantão acadêmico. Uma plataforma digital, como elemento integrante do projeto do qual também faz parte a teleaula, deve se caracterizar pelos processos de ensino e aprendizagem integrados por mediações tecnológicas que envolvem a interação de professores, tutores e alunos, num esforço para possibilitar encontros autênticos entre sujeitos e o conhecimento.

No modelo da teleaula, portanto, se faz indispensável o complemento ou a extensão das aulas virtuais por meio de produção de vídeos de apoio (com uso de *softwares* de produção de material audiovisual digital), debates autênticos no fórum, conversações por videoconferência, diálogos escritos no *chat*, *feedback* ou respostas em canais de mensagens e outros recursos de comunicação e interatividade.

Assim, a teleaula integrada organicamente a outras práticas pedagógicas poderá ser importante recurso de comunicação e mediação pedagógica na educação a distância, mesmo em face de sua ambiguidade.

TELECLASS IN QUESTION

Abstract: Teleclass Model Analysis in Distance Education, starting from the characterization of teleclass formats and the identification of possibilities and ambiguities of audiovisual language within teaching and learning processes that make use of digital technologies. The risks and challenges of audiovisual language ownership are pointed out and resources belonging to mass communication in pedagogical mediation. The potential resources concerning teleclasses are also presented and examined which contribute for professor communication and learning in the new digital media context.

Keywords: Distance education. Teleclass. Digital medias.

Referências

CRUZ, Dulce M. A construção do professor midiático: o docente comunicador na educação a distância por videoconferência. **Cadernos de Educação**, FaE/PPGE/UFPel, Pelotas, vol. 30, p. 201-214, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1771/1646> . Acesso em: 28 mai. 2013.

GOMES, Geraldo S. et al. **Guia da assistência de telessala**: Fundação Universidade do Tocantins. Palmas: Editora da Unitins, 2005. Disponível em: http://ead.unitins.br/download/manual/MANUAL_DO_ASSISTENTE.pdf . Acesso em: 20 mai. 2013.

JOLY, Maria C. R. et al. Avaliação do desempenho em tecnologias de universitários em função da modalidade de ensino. **Revista de Educação**, Brasília n. 150, ano 38, jan./jun. 2009. p. 37-46.

MORAN, José M. Aperfeiçoando os modelos de EaD existentes na formação de professores. **Educação**, Porto Alegre, v. 32, n. 3, p. 286-290, set./dez. 2009. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/5775/4196> Acesso em: 25 out. 2012.

_____. A gestão da Educação a Distância no Brasil. In: COLOMBO, Sônia S. et al. **Nos bastidores da educação brasileira**: a gestão vista por dentro. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MOREIRA, Marcelo. A teleaula na EaD da Universidade Metodista de São Paulo: uma leitura da intersubjetividade presente nesta produção. Dissertação (Mestrado), UMESP, 2010.

PATTO, Maria h. S. O ensino a distância e a falência da educação. *Educ. Pesqu.*, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 303-318, abr./jun. 2013.

PRIMO, Lane. Autoavaliação na educação a distância: uma alternativa viável. In: Anais do XXVIII Congresso da SBC, 2008. p. 57-66.

PUCCI, Bruno. A escola e a semiformação mediada pelas novas tecnologias. In: PUCCI, B.; ALMEIDA, J. de; LASTÓRIA, L. A. C. N. (Org.). **Experiência formativa e emancipação**. São Paulo: Nankin, 2009.

SALDANHA, Luís Cláudio Dallier. A linguagem nas teleaulas: limites e possibilidades do diálogo pedagógico em EaD. **Impulso**, Piracicaba, vol. 23, nº 57, p. 41-47, mai./set. 2013. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/view/1751/1154> . Acesso em 20 ago. 2013.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica**. 8. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003. (Coleção educação contemporânea)

SUHR, Inge R. F.; RIBEIRO, Flávia D. Reflexões e apontamentos sobre o papel da aula na Educação a Distância. **Revista Intersaberes**, Curitiba, ano 5, n. 9, p.25-41, jan./jun. 2010. Disponível em:



<http://www.grupouninter.com.br/intersaberes/index.php/revista/article/view/160/127> . Acesso em 03 jun. 2013.